

A tipologia de David Keirsey e os evangelhos – observações sobre Mateus, o SJ

Enio Starosky¹

Resumo: Os tipos psicológicos de David Keirsey têm sido muito usados em diversos campos: empresarial, relações humanas, educação, marketing, na redação de roteiros de filmes etc. O autor tem publicado diversos artigos sobre esses tipos e preferências religiosas. Neste breve artigo, procura apontar o evangelho de Mateus, como um livro escrito por um tipo SJ, o “guardião”.

Palavras Chave: David Keirsey. preferências religiosas. Tipo SJ. Evangelho de Mateus.

Abstract: The psychological types of David Keirsey has been used in various fields: management, education, marketing, writing screenplays etc. The author has published some articles about DK's types and religious preferences. This short article shows the Gospel of Mathew as a book written by a SJ type, “guardian”.

Keywords: David Keirsey. religious preferences. SJ type. Gospel of Mathew.

Os tipos básicos de DK (SJ, SP, NT e NF) e os 4 evangelhos

Como temos apontado em outros artigos – reunidos em (Lauand org., 2019) –, a teoria keirseiana dos temperamentos tem extraordinária e surpreendente aplicação no campo religioso. Textos religiosos em geral (não só da tradição greco-romana, mas também da judaico-cristã), particularmente os que se referem à liderança religiosa, podem ser examinados com maior profundidade quando lidos à luz dessa teoria tipológica. No âmbito da tradição judaica, um exemplo nos vem de Deuteronômio e outro, do Profeta Ezequiel.

O registro do profeta Ezequiel (que escreveu o livro que faz parte do cânone do AT por volta do ano 590 a.C) chama a atenção porque descreve a humanidade formada por quatro seres viventes. De acordo com Ezequiel (1. 5, 6 e 10) um ser vivente tem o rosto de um homem; outro, o de um leão; outro, o de um boi e o quarto, o rosto de uma águia. João, autor de Apocalipse, parece repetir esse mesmo esquema no capítulo 4.7 ao dizer que, arrebatado pelo Espírito, viu no trono do céu quatro animais: “o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um bezerro, e o terceiro animal tinha o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando”.

O outro texto, a nosso ver o mais impressionante, nos vem do Antigo Testamento, registrado em Deuteronômio 6.5.² O mesmo texto foi retomado e registrado pelo médico Lucas, autor de um dos evangelhos da Bíblia: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu *coração*, com toda a tua *alma*, com todas as tuas *forças* e com toda a tua *mente*” (Lucas 10.27).

¹ Mestre em Educação pela Univ. Metodista de São Paulo e doutorando em Ciências da Religião nessa universidade. Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

² O texto veterotestamentário não inclui “com toda mente” (o tipo NT). Parece ter sido um acréscimo de Jesus (que – na visão cristã – reúne perfeitamente o equilíbrio dos quatro temperamentos). E, Lucas, que provavelmente conhecia a mais antiga teoria tipológica que se tem conhecimento, de Hipócrates – seu colega de profissão –, fez o registro no seu evangelho sem hesitar.

É inevitável estabelecer um imediato paralelo com a teoria keirseiana: “Com todo o teu coração” – remete ao tipo SP; “com toda a tua alma”, ao NF; “com todas as tuas forças”, ao SJ; e “com toda a tua mente”, ao NT. (para os pares de fatores de Keirsey – S/N, F/T, J/P e I/E – e para os 4 temperamentos – SJ, SP, NF e NT – veja-se (Lauand 2019; pp. 11-21).



<https://jigarodrigues.wordpress.com/artigos/simbolos-dos-quatro-evangelistas/>

Não menos surpreendente – ao lado do já mencionado texto do AT – é o fato de também serem 4 os grupos religiosos em torno dos quais gravitou o povo judeu, sobretudo nos tempos de Jesus. Os quatro grupos religiosos que tinham como propósito cuidar da preservação da religião de Abraão, Isaque e Jacó: os fariseus, os saduceus, os essênios e os zelotes.

Poderíamos tratar amplamente de uma correlação dos 4 temperamentos da teoria de Keirsey com os 4 evangelhos (à qual aqui só vamos aludir), mas neste artigo focaremos um pouco mais detidamente só o caso de Mateus, o SJ.

Keirsey e os 4 evangelhos

A primeira e mais importante divisão dos fatores na teoria dos temperamentos de DK é o par S/N. A importância da clareza dessa distinção é especialmente significativa no estudo dos 4 evangelhos. Mateus e Marcos são claramente S – voltados predominantemente aos fatos, ao Jesus histórico. Trabalham mais com a “lembrança das coisas passadas”. Já Lucas e João são claramente N – voltados predominantemente para o futuro, para o Jesus da fé. Trabalham mais com a “esperança das coisas futuras”. Como veremos, a indicação relativamente simples de que Mateus e Marcos sejam, respectivamente, SJ e SP (“Guardião” e “Artesão”), não encontra discordância nos poucos pesquisadores que escreveram sobre o assunto. No entanto, com relação aos evangelhos de Lucas e João, isso não acontece, embora haja uma concordância de que os dois sejam N. Seja como for, uma breve observação do

próprio Keirse (1988, p. 332), no final do seu “Please, Understand Me II”, indica que Lucas é NT e que João é um típico NF.

A noção de que a humanidade tem quatro faces, de fato, também parece estar em evidência no mais importante conjunto de livros do Novo Testamento, os quatro evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João. Acreditamos que não é por acaso que sejam *quatro*, escritos em *quatro* estilos diferentes por *quatro* personalidades muito diferentes. Por que a Igreja primitiva incluiu no Novo Testamento *quatro* evangelhos? Por que os pais da igreja não integraram os vários relatos de Jesus em uma única narrativa? É provável que nunca saberemos ao certo, mas Irineu, Bispo de Lyon, baseou sua explicação (em 185 dC) sobre o que parece ser a suposição comum na teologia cristã: que, uma vez que “a criatura viva é quadriforme... O Evangelho também é quadriforme” (Adversus Haereses, iii, II, 8). Estudiosos do assunto respondem a essa questão de diferentes maneiras. Um deles, J. David Bersagel (2019), afirma que cada evangelho surgiu de um dos centros da fé dos primeiros anos da fundação da igreja: Antioquia, Alexandria e Jerusalém; que cada um dos diferentes evangelhos representava uma escola de pensamento sobre Jesus e que diferentes narrativas dariam mais confiabilidade, autoridade e autenticidade. Deixar de fora um evangelho poderia abrir espaço para desconfiança, mas incluir os quatro seria uma forma de unificar as comunidades cristãs. Bersagel aponta também justamente para o fato de que em cada evangelho encontramos pistas sobre a natureza ou o caráter do público para o qual foi escrito. Mas houve também quem achasse quatro evangelhos um exagero. Por exemplo, o discípulo de Justino Mártir, Taciano, um antigo apologista e asceta cristão, procurou combinar todo o material textual sobre Jesus que encontrou nos evangelhos em uma única narrativa.³ E pelo menos uma parte da igreja síriaca usou essa harmonização dos evangelhos no século V. Porém, tal harmonia dos evangelhos mostrou-se suspeita para a maioria da igreja e na maior parte do mundo cristão, as comunidades escolheram preservar e usar os quatro evangelhos.

Então, o que há de especial nessas quatro testemunhas de Jesus que levaram a igreja a continuar a reivindicá-las como verdadeiras e sagradas histórias da história de Jesus? A motivação foi apenas apostólica, foi a localização geográfica, seu ponto de vista teológico, seu contexto? Ou há algo mais que justifique que quatro evangelhos sejam incluídos no cânone do Novo Testamento?

À luz da teoria keirseiana dos temperamentos isso parece apontar para uma motivação bem distinta e especial. Cada um dos escritores dos evangelhos incorpora e reflete um dos temperamentos ao contar a história de Jesus. Portanto, quando a igreja incluiu os quatro evangelhos no cânone isso parece que não teve relação com a geografia do evangelho, ou com autoridade apostólica, mas com o tipo de pessoas a quem essas narrativas foram dirigidas. Ao incluir os quatro evangelhos a igreja estava incluindo simplesmente todas as pessoas. O caráter absolutamente inclusivo estava presente. A seleção dos quatro evangelhos evidenciou que a comunidade cristã desejava acolher a todos.

O que isso pode significar para a liderança religiosa – especialmente para os que pregam e ensinam? Entre outras coisas, que os textos precisam ser pregados e ensinados sem aquelas fixações comuns de preferências de alguns textos em detrimento de outros. Esse risco é enorme, pois é muito comum (e, de certo modo, natural) que líderes tenham as suas histórias preferidas. Talvez por isso já a igreja antiga tenha organizado um Lecionário que a cada quatro anos conta todas as histórias

³ A tentativa de resolver a crise lecionária que enquadrava a vida de Jesus numa única narrativa contínua dividida em 55 capítulos ficou conhecida como *DIATESSERON*. Um lecionário que coincide com o número de semanas do ano mais algumas para o Natal e a Páscoa. <http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/leccionario.htm> - Acesso em: 29. 05. 2019

dos quatro evangelhos nas leituras dominicais. Isso exige que os pregadores e professores considerem com seriedade o fato de os evangelhos terem uma perspectiva diferente, uma voz diferente – a voz do próprio escritor do evangelho. Isso significa que a cada quatro anos as pessoas de cada temperamento têm a oportunidade de ouvir o evangelho em sua própria “língua”, na linguagem que é mais parecida com a “clave” na qual eles se encontram – de acordo com as suas próprias “chaves temperamentais de leitura de vida”. Essa é outra grande contribuição do conhecimento da teoria dos temperamentos para os que pregam e ensinam: a de levar muito a sério as vozes dos escritores dos evangelhos e não ceder à tentação de falar no seu próprio tom pessoal. Uma abordagem que considerar esses aspectos provavelmente estará mais propensa a alcançar mais pessoas e com maior autenticidade o evangelho. Claro que tal abordagem exige que o pregador ou o professor não tenha em mente o seu próprio temperamento, mas que deixe falar o temperamento do evangelista. E isso pode mudar muito a forma de contar e até de interpretar as histórias dos diferentes evangelhos.

O evangelho SJ - Mateus

O evangelho segundo Mateus é um relato histórico ou tradicional de Jesus. Na tradição cristã é simbolizado por um homem – por iniciar sua narrativa com uma longa genealogia e dar enfoque especial à humanidade de Jesus. É provavelmente a palavra de um SJ (“Guardião” – Mateus era um oficial da alfândega e coletor de impostos, um estudante da Lei Hebraica e da tradição dos escribas) e, portanto, o mais organizado dos quatro Evangelhos. O Sermão da Montanha contém vários “deves” do tipo SJ. Jesus é apresentado como o cumprimento das profecias do Antigo Testamento e não como alguém que apresenta uma nova religião. Refere-se a Jesus como “Mestre” doze vezes e registra cinco longos sermões. O Antigo Testamento é citado mais do que nos outros três Evangelhos em conjunto. Mateus deleita-se em mostrar como Jesus recapitula a experiência de Israel em sua própria vida. É apresentado como o novo Moisés, o novo Davi, o novo Salomão, o profeta por Excelência, o novo Israel. Curiosamente também somente o Jesus de Mateus fala de *ekklesia*. E é o único Evangelista interessado na fundação da Igreja de Cristo. Os doze apóstolos são reverenciados como líderes hierárquicos da igreja, sendo Pedro o principal.

Como já sabemos, o temperamento SJ é o mais numeroso. De acordo com DK os guardiães são cerca de 45% da população mundial. Portanto, sempre tiveram um lugar de destaque na experiência humana. É chamado de Guardiã porque, desde os tempos remotos da história da humanidade, é o tipo que mais protege sua família e a comunidade. SJ é um Bento XVI, preocupado em preservar a tradição da doutrina religiosa e o são boa parte dos juízes das Supremas Cortes da maioria dos países na atualidade. São guardiães que buscam “trazer o passado para o presente”. Para o Guardiã, Shakespeare está certo quando diz que "o passado é um prólogo..." (apud Bersagel, 2019, p. 811). Valoriza a tradição, o *common sense*, a história, crenças moralmente corretas e está atento às necessidades dos outros.

Keirse recolhe de Meyers uma série de palavras para descrever esses Guardiões (SJ): conservador, meticoloso, confiável, detalhista, factual, trabalhador, paciente, perseverante, rotineiro, sensato, estável, não-impulsivo. Os Guardiões podem ser comparados aos castores que constroem meticulosamente uma estrutura e estão dispostos a defender essa estrutura contra qualquer um que tente destruí-la. A inclinação do Guardiã é se conectar com o passado. E o que observamos no evangelho de Mateus? Uma conexão constante com ênfase na tradição e no passado. Não é por acaso que ele comece sua história colocando-a no contexto da tradição judaica. A genealogia começa com Abraão para mostrar que Jesus não caiu de repente do céu, mas sua vinda teve uma preparação profunda, pois para Mateus a autoridade e

autenticidade da testemunha encontram-se em conexão com o passado. Jesus não traz algo novo em suas palavras e ações, mas é um cumprimento do passado. Essa conexão o credencia como o Messias de Deus. Se Marcos (SP) repete muitas vezes a palavra "de repente", Mateus repete frases como "para que se cumprisse o que foi escrito" ou "como está escrito". São citações da Lei e dos Profetas que ligam Jesus à história do povo de Deus do Antigo Testamento. Se para Marcos é importante falar do passado-presente, do aqui e do agora, para Mateus importante é falar do presente-passado – daquilo que agora remete ou tem raiz no passado. Ou seja, ainda que Marcos e Mateus sejam do tipo S, Marcos enfatiza a necessidade de quebrar o vínculo com o passado, enquanto Mateus demonstra que é necessário prolongá-lo, pois Deus está cumprindo suas promessas que têm raízes no passado. A ênfase de Mateus é clara: "*Jesus não veio para abolir a lei e os profetas, mas para cumpri-los*" (5:17).

O público de Mateus é provavelmente uma mistura de judeus e gentios - uma mistura do velho com o novo. Arrancar as raízes (o velho) prematuramente é destrutivo para um SJ. Após a prisão de João Batista, a mensagem de Jesus em Mateus é resumida com as próprias palavras de João: "Arrependei-vos, porque o reino dos céus está próximo" (4:18). O evangelista quer ressaltar que o ministério de Jesus está fundamentado no que veio antes, nas palavras de João Batista. O reino de Deus é, antes de mais nada, presença. Uma presença que se coloca no meio do povo escolhido no passado. Mateus abre seu evangelho dizendo que o nome da criança deve ser Emanuel – Deus Conosco. E termina com as palavras de Jesus: "Eu estarei convosco todos os dias até o fim dos tempos". Durante toda sua narrativa Mateus está querendo dizer "Deus está presente, Deus sempre foi, é e será". Em Jesus, o passado é trazido para o presente, a história é trazida para o presente. Quando Jesus morre na cruz, Mateus é o único a contar que naquele momento "muitas pessoas do povo de Deus (os santos) que haviam morrido saíram dos túmulos" (27.53,54), para testemunhar o que Deus estava fazendo no mundo.

É muito interessante observar que Mateus com frequência insiste em trazer o passado para o presente, precisamente como o Guardião que sempre está preocupado em fazer a coisa certa. Mateus quer "cumprir toda a justiça" (2.13-17). E narra com zeloso cuidado a coisa certa a fazer quando Maria fica grávida, ressaltando que em sonho José foi orientado por um anjo a não abandonar sua noiva. E novamente cita a profecia de que "tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor tinha dito por meio do profeta..." (1.18-25).

O tema que se estende ao longo deste evangelho é a pergunta: "O que significa ser justo"? A palavra é *tsedekah* – justiça – é recorrente. A ênfase se dá em fazer o que deve ser feito ou da maneira como deve ser feito. Isso fica mais claro nas parábolas do fim dos tempos no capítulo 25. Neste trecho do evangelho são feitos juízos sobre quem prova ser justo, que agiu corretamente, respeitosamente. Aos bons, aos que agiram com retidão, vem o elogio: "Muito bem, servo bom e fiel ..." (25.31,33). Aos maus, vem a sentença: "E irão estes para o castigo eterno" (25.46).

Mateus também sinaliza um tipo diferente de justiça em ação em Jesus. O Sermão da Montanha inclui uma lista de advertências para estar ciente dos perigos de viver a fé cristã. Especialmente o perigo dos exemplos de líderes religiosos como os fariseus. Mateus alerta para a prática de sua piedade diante dos outros; para a forma de julgar os outros; contra os falsos profetas; contra a tentação de acumular dinheiro ou bens. Essas e outras advertências são mais dirigidas por Mateus a uma comunidade composta de judeus e gentios o que demonstra a preocupação típica de um Guardião atento às necessidades (pelo menos na visão dele) dos outros. A linguagem é sempre muito concreta. Mesmo nas parábolas não há uso de metáforas, mas de símiles. "O reino de Deus é como..." – símiles são extraídos do mundo cotidiano, de coisas do dia

a dia que as pessoas conhecem. Várias parábolas simplesmente sugerem que o reino, a presença de Deus já está no mundo à espera de ser encontrado. Essa presença está disponível para quem procura. Aí, como regra áurea, diz Mateus: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á" (7: 7) A presença de Deus está oculta, mas ao mesmo tempo, disponível. Possuir, conhecer a presença de Deus é o maior bem e torna-se a verdadeira justiça. Assim também no capítulo 24 quando fala sobre a vinda do 'Filho do Homem', Mateus apresenta imagens da vida cotidiana para advertir contra o descuido de não estar preparado no dia do juízo. A meta é a fidelidade. "Quem é, pois, o servo fiel e prudente, ao qual o seu senhor confiou a direção de sua casa, para que, a tempo, dê a todos o sustento? Feliz aquele servo a quem o seu senhor, quando vier, achar assim fazendo" (24.45,46). Como sabemos, para o SJ o maior bem e satisfação é cumprir o dever. Para ele fazer o que alguém foi orientado a fazer agrada a Deus e cuidar das responsabilidades de alguém é ser justo.

A ênfase de Mateus na retidão, na construção da tradição, formou a vida de muitas igrejas cristãs. Se observarmos, por exemplo, a estrutura da igreja que católicos romanos construíram, na qual há a tradição de fazer a coisa certa, veremos que ela desempenha um papel significativo: sucessão apostólica, o papa ocupando o trono de Pedro, a lei canônica delineando deveres, as responsabilidades dos fiéis, etc. A ênfase no dever de preservar a tradição aponta nesta mesma direção. Isto também é válido para outros grupos religiosos para os quais são importantes a tradição, regimentos fortes e detalhados e regras escritas para a vida em conjunto. A construção da tradição e a descrição concreta do ser justo fazem de Mateus o evangelho esses grupos mais apreciam. São aspectos que refletem o estilo da liderança SJ: ser o guardião da genialidade criativa do passado. Os outros temperamentos podem censurar os SJs por sua propensão ao tradicionalismo e à inflexibilidade. Porém, sem os seus esforços, sem o seu amor "*com todas as suas forças*" qualquer instituição religiosa dificilmente sobreviveria.

Referências bibliográficas

LAUAND, Jean (org.) **Sobre a tipologia de David Keirse**y. São Paulo: Kapenke, 2019. Disponível em <http://www2.fe.usp.br/%7Eecemoroc/tipologia.pdf>. Acesso em 11-07-19.

KEIRSEY, David. **Please Understand me II** – Temperament, Character, Intelligence. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988

BERSAGEL, J. David. **Why Four Gospels**: Gospel Temperament and Preaching. Bentgrass Court: Onalaska: Kindle Edition, 2019.

Recebido para publicação em 11-07-19; aceito em 09-08-19